

A Constituição das Ciências Humanas numa Universidade Rural

por Maria das Graças M. Ribeiro

Resumo

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) tem as suas origens na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), criada na década de 1920. A despeito de disciplinas como Sociologia, Economia e Educação Rural terem sido oferecidas nos cursos da antiga ESAV, a área de Ciências Humanas é de constituição tardia na instituição. O presente trabalho pretende analisar o processo de constituição desta área na UFV, buscando identificar os elementos que o condicionaram. Baseada no exame de fontes primárias do Arquivo Central e Histórico da UFV, a pesquisa mostra que a área de Humanas apresenta algumas peculiaridades: por exemplo, suas origens remetem-se ao curso de Economia Doméstica.

Palavras Chave: Ciências Humanas; Educação Superior; Universidade Rural de Minas Gerais.

Abstract

The Universidade Federal de Viçosa (UFV) is born from the Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) that was created in the 1920's. Although Sociology, Economy and Rural Education were taught in the old ESAV, the Humanities are very young in the institution. The present work intends to analyze the process of constitution of this area in UFV and it intends to look for the conditions that signed it. Based on the exam of primaries sources from the Central and Historical Archive of UFV the research shows that the area of Humanities in this institution presents some peculiarities: for example its roots are in the course of Home Economics.

Key-Words: Humanities; Higher Education; Universidade Rural de Minas Gerais

Algumas considerações

A Universidade Federal de Viçosa (UFV), uma das mais conceituadas instituições brasileiras de educação superior na área das chamadas ciências agrárias, está localizada na Zona da Mata de Minas Gerais. No ano de 2007, a UFV contava com aproximadamente dez mil matrículas nos seus cursos de graduação, cerca de dois mil alunos nos seus cursos de pós-graduação stricto sensu e centenas de alunos matriculados nos seus dois cursos médios. Para atendê-los, a instituição contava, no mesmo período, com mais de 800 professores efetivos e

alguns professores substitutos distribuídos em 47 cursos de graduação, trinta cursos de mestrado e vinte de doutorado, além dos professores de ensino médio¹.

Organizada em quatro grandes centros de ciências – o Centro de Ciências Agrárias; o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde; o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas e o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – a UFV oferece

Não obstante disciplinas como Sociologia, Economia e Educação Rural terem sido oferecidas na instituição, desde as suas origens, a área de Ciências Humanas é de constituição tardia. O presente traba-

lho tem por objetivo analisar o processo de constituição desta área na UFV, buscando identificar os elementos que o condicionaram. Para a investigação, procedeu-se à revisão da literatura pertinente, assim como ao levantamento das fontes primárias junto ao acervo do Arquivo Central e Histórico da Universidade.

Resultados parciais da pesquisa indicam que a área de Ciências Humanas na instituição apresenta peculiaridades: suas origens remetem-se ao curso superior de economia doméstica, criado no final dos anos 1940. Os primeiros cursos na área de Humanas, no entanto, somente apareceriam

na década de 1970, logo após a federalização da Universidade até então subordinada ao governo do estado de Minas Gerais.

De escola superior agrícola a universidade rural: breve histórico da UFV

As origens da Universidade Federal de Viçosa remontam-se às primeiras décadas do século XX, quando Arthur Bernardes, ocupando a cadeira de presidente do estado de Minas Gerais, autorizou a construção de uma escola superior agrícola naquele estado. Tendo como objetivos “o ensino prático e teórico de Agricultura e Veterinária” e a realização de “estudos experimentais” que viessem a concorrer para o desenvolvimento da economia agrícola mineira, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) foi inaugurada, em 1926, por Bernardes, então Presidente da República.

O Regulamento da Escola também a caracterizava como um estabelecimento essencialmente agrícola, voltado para a aquisição e para a difusão de conhecimentos relativos “à economia rural”, em todos os seus graus e modalidades, devendo o ensino ali ministrado contribuir para educar a população rural, melhorando suas condições de vida.

Dando início às au-

las em 1927, a ESAV formou primeiramente turmas dos cursos elementar e médio, somente dando início ao curso superior de agronomia em 1928 e ao de medicina veterinária em 1931.

Concebida nos moldes dos land-grant colleges, escolas vocacionais criadas no oeste e meio oeste dos Estados Unidos, em meados do século XIX, a ESAV contou com Peter Henry Rolfs, um reconhecido cientista norte-americano, como seu primeiro diretor e, posteriormente com vários outros professores norte-americanos. Seguindo o modelo daquelas instituições, a Escola privilegiou o ensino prático e, desde cedo, desenvolveu um significativo trabalho de extensão rural. Seu dinamismo logo lhe conferiu projeção e reconhecimento em nível nacional. Deste modo, em 1935, a ESAV foi reconhecida oficialmente pelo governo federal.

Não obstante tal reconhecimento, os anos 1930 foram anos de turbulência para a Escola. Neste período, foram muitas as dificuldades para pagar o seu pessoal, para substituir os professores que se exoneravam e para a aquisição de material. Havia então muitos boatos acerca de uma possível desativação da ESAV para dar lugar a um quartel de polícia. No auge desta crise, a Escola perdia seu curso de medicina veterinária, o qual era então transferido para a cidade de Belo Horizon-

te (BORGES ET. AL., 2000).

Assim a antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais passava a ser constituída somente pela sua Escola Superior de Agricultura (ESA). A sigla ESAV continuou, todavia, sendo adotada. Referia-se agora à Escola Superior de Agricultura de Viçosa.

A crise da ESAV é explicada, por ex-alunos e ex-professores, como uma represália de Benedito Valadares, interventor de Minas, durante o Estado Novo, a Arthur Bernardes, desafeto político de Vargas e do interventor e que fora o responsável pela criação da Escola, mantendo seu nome definitivamente a ela associado.

De todo modo, a crise da ESAV sobreviveu ao fim do Estado Novo. Somente em 1947 parecia que aquela situação começava a ser revertida. Neste período, o novo governo de Minas Gerais, Milton Campos, apresentava um plano de revitalização para a agropecuária mineira. No seu bojo estava a reforma do ensino técnico profissional no estado. Deste modo, na sessão solene de instalação dos trabalhos da Assembléia Legislativa de 1947, era apresentada Mensagem do Governador, tratando, entre muitos outros temas, da reforma desse tipo de ensino no estado.

Como parte desta, a proposta de “restabelecimento do curso de veterinária na Es-

cola Superior de Agricultura de Viçosa”. Previa-se para este fim “uma despesa aproximada de CR \$ 2.200.000,00”².

Vale notar que naquele mesmo ano, agricultores presentes à 19ª Semana do Fazendeiro, reunião anual que desde 1929 se realizava na ESAV³, apresentaram ao governador do estado um memorial abordando as dificuldades vividas pela Escola e propondo:

1-a conveniência de serem ampliadas as instalações da ESAV, de molde que ela possa receber maior número de alunos anualmente;

2-a necessidade de que a ESAV receba um reparo geral e de que seus laboratórios e seu material didático sejam melhorados, modernizados e acrescidos daquilo que for necessário ao bom emprego dos novos métodos de ensino e às pesquisas compatíveis com o avanço da ciência;

3-a vantagem de ser criado na ESAV o Serviço de Extensão Agrícola à Lavoura, nos municípios, de maneira constante e concreta, fornecendo-lhe recursos monetários e meios para que o Serviço se torne realmente eficiente, pelo menos, neste primeiro instante à lavoura da Zona da Mata;

4-a justiça de ser concedido aos professores e funcionários administrativos da ESAV [...] os direitos de funcionários efetivos pertencentes a um quadro especial de professores e funcionários e que seu vencimentos sejam eq-

uiparados aos dos professores e servidores das demais Escolas congêneres existentes no País⁴.

Submetido pelo governador à Comissão de Agricultura, Indústria e Comércio da Assembléia, o documento foi aprovado como Parecer n. 37.

Na mesma época, um documento era elaborado por deputados da Assembléia Legislativa de Minas Gerais para a transformação da ESAV em universidade rural. Como justificativa do projeto de lei, afirmava-se não haver nenhum outro local no estado que tivesse mais que Viçosa as características fundamentais para sediar uma universidade daquele tipo. Eram então exaltados os serviços prestados pela Escola em prol da agricultura brasileira, afirmando-se ter a ESAV formado 1 161 profissionais ao longo de sua história, dentre os quais 224 engenheiros agrônomos.

Tudo indica que a crise da ESAV estava superada em 1948, quando a mesma foi transformada em universidade. Neste ano, pela lei n.272 de 13 de novembro, assinada pelo governador Milton Campos, nascia a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG).

Determinava aquela lei que a universidade seria instalada somente no ano de 1949 e que seria constituída pela Escola Superior de Agricultura (antiga Escola Superior de Agricultura de Viçosa); pela Escola Superior de Veterinária, que

retornava de Belo Horizonte para Viçosa; pela Escola Superior de Ciências Domésticas; pela Escola de Especialização; pelo Serviço de Experimentação e Pesquisa e, ainda, pelo Serviço de Extensão.

A mesma lei previa a criação de um “Fundo Universitário” para a garantia do funcionamento da instituição. Este seria constituído de apólices estaduais inalienáveis, “cujos juros rendam a importância de doze milhões de cruzeiros”, de duzentos e cinquenta mil hectares de terras devolutas, de bens até então sob jurisdição da ESAV e de doações, subvenções e legados.

Nos anos 1950, houve um intenso processo de expansão e modernização da UREMG.

Nas Escolas Superiores, novos departamentos eram organizados e novas disciplinas ministradas. Deste modo, surgiu o Departamento de Defesa Fitossanitária que promoveu estudos aprofundados na área de Microbiologia Geral e do Solo, Fitopatologia e Entomologia, dando origem no início da década seguinte ao curso de mestrado em fitopatologia.

Em 1961, quando a supervisão da UREMG passou do Ministério da Agricultura para o Ministério da Educação, foi criado na instituição o curso de mestrado em economia rural, primeiro do gênero no Brasil, e o curso de mestrado em fitotecnia. No ano seguinte, era criado na UREMG o primeiro

mestrado em nutrição animal da América do Sul.

Em 1960, a UREMG abrigou a Escola Nacional de Florestas, criada pelo governo federal com o decreto nº 48247. Transferida para Curitiba, no Paraná, em 1963, a Escola voltou para Viçosa, com o empenho do governador mineiro Magalhães Pinto, em 1964, constituindo-se então como a Escola Superior de Florestas da UREMG, a qual formaria, ainda na década de 1960, a primeira turma de engenheiros florestais do país.

Em 1969, quando a UREMG foi federalizada, transformando-se em Universidade Federal de Viçosa, a instituição contava com quatro escolas superiores que abrigavam doze departamentos: Departamento de Solos e Adubos; Departamento de Microbiologia; Departamento de Fitopatologia; Departamento de Zootecnia; Departamento de Biologia; Departamento de Tecnologia de Alimentos; Departamento de Defesa Fitossanitária; Departamento de Veterinária; Departamento de Arquitetura e Urbanismo; Departamento de Genética, Experimentação e Biometria; Departamento de Silvicultura e o Departamento de Agronomia e Horticultura e, ainda, o Instituto de Economia Rural.

A expansão vivida posteriormente pela instituição não rompeu a sua vocação para as chamadas ciências agrárias.

O processo de expansão e modernização da UREMG teve a impulsioná-lo um projeto de modernização da produção agrícola para o país e mais particularmente para o estado de Minas. Tal projeto atendia, em parte, interesses dos Estados Unidos em sua estratégia de manter nosso país como economia agro-exportadora inserida de forma subordinada ao mercado internacional e como aliado político no contexto da Guerra Fria que se iniciava.

Para Colby e Dennett (1998, p.249), o estado de Minas Gerais fora escolhido para aqueles objetivos pelos Estados Unidos *“Para sua primeira experiência na América Latina no pós-guerra”*. Segundo os autores, *“Era uma escolha sábia. Um tanto maior que a França, Minas Gerais era um reduto agrícola e minerador da facção exportadora conservadora do Partido Social Democrata [...]”*.

A Universidade Rural de Minas Gerais e, mais particularmente, a sua Escola Superior de Ciências Domésticas teve papel não desprezível no êxito do projeto de modernização da agropecuária mineira e no sucesso do projeto hegemônico dos norte-americanos.

A economia doméstica e a emergência das ciências humanas na UFV

Não obstante disciplinas como Sociologia, Economia

e Educação Rural terem sido oferecidas nos cursos da antiga ESAV, as ciências humanas são de constituição tardia na UFV. Nem mesmo com a existência do Instituto de Economia Rural e do curso de mestrado em economia rural, na década de 1960, não era ainda possível falar na existência das ciências humanas na UFV, posto que tais cursos estavam subordinados à Escola Superior de Agricultura e organizados para dar suporte ao desenvolvimento das chamadas ciências agrárias.

Do mesmo modo, a Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD), prevista como uma das unidades da UREMG na lei estadual n. 272/48 responsável pela sua criação, também não garantiu de imediato a constituição das ciências humanas na instituição⁵. Não obstante esta Escola viesse a formar economistas domésticas, a preparação destas profissionais tinha por base, principalmente, um leque de disciplinas mais afeitas à área das ciências biológicas.

Vale notar que, na justificativa do projeto de lei que deu origem à UREMG, a criação da ESCD na mesma era defendida com base no argumento de que era indispensável a educação da mulher mineira no meio rural, afirmando-se ali que a *falta de estabelecimento de ensino superior, onde a mulher possa receber educação objetiva em bases científicas e*

*de aplicação imediata, tem sido em parte responsável pelo baixo standard de vida de nossas populações rurais*⁶. Afirmava-se ainda que, nesta Escola,

*O estudo da alimentação racional [...] poderá ser feito num ambiente que oferece possibilidades para se acompanhar todo o ciclo alimentar, desde a produção do alimento, à sua preparação conveniente, à determinação do seu valor nutritivo, seu aproveitamento racional e os efeitos por ele produzidos [...]*⁷.

Na verdade, antes mesmo de dar início, em agosto de 1952, ao primeiro curso superior de economia doméstica no Brasil, a ESCD foi envolvida numa série de atividades previstas num convênio internacional, firmado entre o governo mineiro e a American International Association (AIA), uma entidade filantrópica norte-americana, liderada por Nelson Rockefeller.

O convênio, que tinha por base o desenvolvimento de um programa de crédito agrícola em Minas Gerais, resultou na criação da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR)⁸.

Desde 1949, quando iniciou seu funcionamento até setembro de 1951, a ACAR desenvolvera, entre outras atividades, não só a oferta de crédito supervisionado a pequenos agricultores de Minas Gerais,

mas também a assistência técnica a todos os fazendeiros mineiros que a solicitassem, o que envolvia um *“programa geral de Extensão agrícola e Educação [...]”*⁹ e ainda um *Serviço de Economia Doméstica, o qual inclui visitas domiciliares, clubes de moças e senhoras e desenvolvimento de Centros Educativos Rurais, onde são mantidas classes regulares para lições sobre nutrição, puericultura, melhoramentos domésticos, costura, horticultura, etc .*

É interessante notar que, em suas atividades, a ACAR contou com uma significativa participação da UREMG. Deste modo, em janeiro e fevereiro de 1952, a ACAR ofereceu em conjunto com esta Universidade

*um curso de treinamento com a duração de sete semanas, que funcionou nos edifícios da Escola Superior de Agricultura de Viçosa e contou com o concurso de técnicos e professores de ambas as entidades*¹¹.

Para as supervisoras domésticas, este curso compreendeu *“aulas de nutrição, horticultura, puericultura, carpintaria, higiene e saneamento, costura, sociologia, organização de clubes e até ordenha e direção de jeeps”*¹².

O trabalho da ACAR, orientado pela AIA, não se revestia apenas de um caráter filantrópico, como mostram Colby e Dennett (1998).

Para os autores, admi-

nistrando a agência que controlava o acesso ao crédito rural, a AIA tinha outros propósitos – promover o uso de fertilizante químicos produzido nas empresas de Rockefeller. Deste modo, enquanto *“As equipes da AIA promoviam as virtudes dos fertilizantes químicos”*, a IBEC, uma empresa financiadora de projetos de desenvolvimento, organizada por Rockefeller, os vendia (COLBY & DENNET, 1998, p.251).

Na verdade, para oferecer sua colaboração aos trabalhos da ACAR, a UREMG contou com o suporte da universidade norte-americana de Purdue, com a qual firmou convênio, em 1951, para a assistência técnica na área de economia doméstica e de extensão rural, de modo a viabilizar o seu curso superior de economia doméstica.

Ao mesmo tempo em que ia formando as primeiras turmas de economistas domésticas no Brasil, a ESCD da UREMG prosseguia as suas atividades em extensão rural, envolvida nos programas previstos em novos convênios internacionais firmados pela Universidade.

Vale notar que a Escola estava constituída por seis departamentos conforme previa o seu Regimento: departamento de administração do lar; departamento de habitação e decoração; departamento de metodologia; departamento de nutrição e preparo de alimentos; departamento de

puericultura e enfermagem; departamento de vestuário e têxteis. Ao departamento de metodologia cabia a oferta de disciplinas tais como didática, prática de ensino e psicologia da educação¹³.

As ciências humanas

Foi no seio do departamento de metodologia da ESCD que surgiu, em 1971, o curso de pedagogia da UFV. Em 1975, a instituição criou, também a partir da ESCD, os cursos de letras e de administração. No ano seguinte, surgiu o curso de economia.

O curso de pedagogia, assim como o curso de letras ficaram abrigados na própria ESCD até 1978, quando constituíram seus próprios departamentos. Já os cursos de administração e de economia foram abrigados inicialmente no Instituto de Economia Rural até aquele ano, quando passaram a constituir o departamento de administração e economia¹⁴.

A constituição destes departamentos na Universidade Federal de Viçosa coincidiu com a extinção das suas Escolas Superiores e a adoção de Centros de Ciências como base na nova estrutura organizacional. Surgia assim, o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFV, o qual foi constituído originalmente pelos cursos mencionados.

É interessante notar que diferentemente das mais

tradicionais universidades brasileiras, as quais tiveram, como a Universidade de São Paulo (USP), nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras o eixo dinamizador de seus cursos de ciências humanas¹⁵, a Universidade Federal de Viçosa teve esta área constituída no seio de um curso subordinado burocraticamente às chamadas ciências agrárias, fortemente vinculado por sua grade curricular à área das ciências biológicas e intrinsecamente marcado pelas atividades de extensão rural.

Cabe considerar que a constituição das ciências humanas na UFV ocorreu imediatamente após a instituição ser federalizada, o que, por outro lado, coincidiu com a reforma universitária de 1968. A lei n. 5540, responsável pela reforma, previa a universalidade de campo para as universidades brasileiras. Deste modo, nossa instituição, para manter o status universitário, teria que necessariamente se ampliar para além das ciências agrárias.

Tais razões, todavia, não explicam completamente o processo que deu origem à área de ciências humanas na UFV, já que a emergência dos cursos de pedagogia, letras, administração e economia se deu acompanhada da emergência de cursos de graduação como matemática, zootecnia, física, química e biologia, não obstante já houvesse na instituição departamentos voltados

para algumas destas disciplinas (matemática, zootecnia, química e biologia), desde os anos 1930¹⁶.

Na verdade, há que se considerar que a criação, em 1948, de uma Escola Superior de Ciências Domésticas, em Viçosa, se fazia no bojo da transformação da ESAV em UREMG, a qual não abandonava o modelo *land-grant* de sua antecessora.

Nestas escolas superiores agrícolas norte-americanas, a partir do final do século XIX, apareceram junto aos cursos de agronomia, veterinária e artes mecânicas, os cursos de economia doméstica. Nestes, eram preparados profissionais com base no estudo dos alimentos e da nutrição.

Do mesmo modo, estes profissionais eram também preparados para atuar como "*home demonstration agents*" nos programas de extensão rural, tal qual ocorreu na UREMG. Eram preparados ainda com base em estudos da puericultura.

Em muitos *land-grant colleges* norte-americanos formavam-se, também, professores "*que expandiam a escola comum para além do que elas teriam conseguido por outras vias*" (BOWNMAN, 1962, p536). Um estudo mais atento destas instituições não nos permite, pois, a surpresa com o fato do curso de pedagogia da UFV ter se gestado no ventre da economia doméstica.

É interessante notar que

nos anos 1990, com o aparecimento dos cursos normais superiores para a formação de professores para a educação infantil no país, foi o departamento de economia doméstica, e não o departamento de educação, que tomou a responsabilidade pela oferta deste curso na UFV.

Com base nas políticas de flexibilização para a educação superior do governo Fernando Henrique Cardoso, a partir da última década do século XX, a área de ciências humanas na UFV experimentou um surto de expansão. Foram criados, em 2001, os cursos de história, o de comunicação social e o de geografia, disciplina que na maioria das demais instituições se insere na área de ciências exatas ou geo ciências.

Em 2002, foi criado o curso de dança. Antes destes, em 1992, fora criado o curso de direito.

Diferentemente do que acontece nas demais áreas do conhecimento, as quais contam com vários cursos de mestrado e de doutorado, na área de ciências humanas, a UFV conta apenas com três cursos de mestrado: o de economia doméstica, já consolidado, e os recém criados cursos de mestrado em administração e em economia. Não há nesta área nenhum curso de doutorado.

Não obstante a precariedade com que funcionam quase todos os cursos da área

de ciências humanas (falta de bibliotecas apropriadas, falta de professores e instalações adequadas), no momento, com a política de estímulo do atual governo de multiplicar as matrículas nas universidades federais, novos cursos estão previstos para a UFV em 2009. Destes, todavia, os que dizem respeito à área de ciências humanas constituem-se como licenciaturas e administrativamente não se subordinarão ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, mas aos Centros de Ciências Biológicas e Exatas, cujos departamentos serão responsáveis por sua oferta.

Há ainda indefinições quanto à área a que estará subordinado o curso de ciências sociais a ser implementado a partir de 2009. Também previsto como licenciatura, o curso vem gerando disputas pelo seu controle. De um lado, o Centro de Ciências Agrárias, que argumenta a seu favor com o número de sociólogos existentes no seu departamento de economia rural, e de outro lado o Centro de Ciências Humanas que também conta com alguns sociólogos distribuídos em alguns de seus departamentos.

Vale notar que na UFV, a maioria dos cursos da área de ciências humanas parece ter a pura finalidade de formar professores. Como a formação de professores para a educação básica vem sendo incentivada pelo governo federal, o qual dota com mais recursos as instituições federais que se

propuserem à formação de mais profissionais nesta área, as licenciaturas passaram a atrair também o interesse de outras unidades e docentes da instituição fora do âmbito das ciências humanas.

O fato acima nos remete a um traço constitutivo do ethos da Universidade Federal de Viçosa – o utilitarismo, assimilado da cultura norte-americana que, por tantos anos, permeou a história da instituição.

Na perspectiva do utilitarismo, o conhecimento deve necessariamente ter uma aplicabilidade imediata. Deste modo, a vida acadêmica deveria ser orientada pela pergunta – para que serve?

Este utilitarismo, em tempos recentes, não é privilégio da Universidade Federal de Viçosa.

Marilena Chauí vem estudando, desde o final dos anos 1980, um processo pretensamente modernizador da universidade brasileira. Este processo, orientado por uma concepção de modernização que “ênfatiza a necessidade de adaptar a universidade ao ritmo, ao tempo e às exigências da sociedade industrial”, tenderia a levar a instituição a voltar-se, cada vez mais, às demandas do mercado (CHAUI, 1989, p.57).

Neste contexto há, segundo a autora, a emergência da “*universidade de serviços*”, aquela cujo critério de excelência é dado pelo mercado

(CHAUI, 2001, p.166).

Nas palavras de Chauí (2001, p.166),

Longe de ser acadêmico, o critério [...] será dado pelo mercado: quem conseguir penetrar vitoriosamente no mercado será excelente, quem não o conseguir, será inessencial. Critério coerente e não absurdo, uma vez que a fonte de recursos para as pesquisas é empresarial.

Para a autora, a “*universidade de serviços*” será baseada na docência e na pesquisa “*de resultados*”, o que para ela, “*significa destruir o mais moderno dos valores conquistados pelas artes, ciências e humanidades: o trabalho autônomo ou a autonomia criadora*” (CHAUI, 2001, p.167).

No bojo deste processo, se daria a “perda de sentido das humanidades”, a sua “inessencialidade” (CHAUI, 2001).

Considerações Finais(2006)

Afora as considerações de Chauí, caberia indagar – qual a barreira que constitui obstáculo, na UFV, para a área de ciências humanas atingirem sua maturidade acadêmica?

Uma primeira resposta poderia atribuir a dificuldade à cristalização da vocação agrária da instituição. É nas áreas ligadas às ciências agrárias que a UFV apresenta a sua excelência.

Em que pese o elevado reconhecimento conferido aos cursos de pós-graduação da instituição em áreas de ciências biológicas e de ciências exatas, vale notar que estes são cursos voltados prioritariamente para a pesquisa na área de ciências agrárias. É o caso dos cursos de doutorado em bioquímica agrícola, entomologia, microbiologia agrícola, na área das ciências biológicas, e dos cursos de mestrado e doutorado em agroquímica.

Do mesmo modo se colocam os cursos de mestrado e doutorado em economia rural, administrativamente subordinados ao Centro de Ciências Agrárias.

Não obstante a resistência de sua comunidade acadêmica em reconhecê-lo, a UFV é uma universidade rural. Outra barreira para a consolidação das ciências humanas na UFV é a crença generalizada na instituição de que todos os docentes devem se dedicar à tríplice responsabilidade com o ensino, a pesquisa e a extensão.

Esta última atividade, que evidentemente cumpre com um dos compromissos sociais da universidade, ocupa lugar de destaque para muitos departamentos e docentes da área das ciências humanas na UFV, seja pela tradição histórica que a instituição possui neste campo, seja pelo apelo que a atividade exerce pelas facilidades na captação de recursos adicionais para as unidades administrativas da Universi-

dade ou na complementação de salários de seus professores num período marcado pela escassez de verbas públicas para a universidade ■

NOTAS:

- 1 UFV em Números. Disponível em www.ufv.br, em 03/07/2008.
- 2 ESTADO DE MINAS GERAIS. Anais da Assembléia Legislativa. Volume I. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1947, p.41.
- 3 A Semana do Fazendeiro é um evento que desde 1929 vem se realizando, constituindo-se como marco fundador da extensão rural desenvolvida pela ESAV. Sobre o tema, ver Cometti (2003) e Silva (1994).
- 4 ESTADO DE MINAS GERAIS. Anais da Assembléia Legislativa. Volume I I. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1947, p.262.
- 5 Para a história da ESCD da UREMG, consultar Lopes (1995).
- 6 Idem.p.12.
- 7 Idem, pp.12, 13.
- 8 A ACAR inspirou a criação de entidades congêneres no país, as quais deram origem à Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), mais tarde transformada em Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER).
- 9 ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL (ACAR). Relatório das Atividades da ACAR em Minas Gerais Desde o Início até 30 de Setembro de 1951, pp.4, 5.
- 10 Idem, p.5.
- 11 ASSOCIAÇÃO DE CRÉDITO E ASSISTÊNCIA RURAL (ACAR). Terceiro Relatório das Atividades, 1951, p.10. Cabe registrar que não obstante a data do Relatório seja o ano de 1951, o documento faz referência a atividades desenvolvidas no ano seguinte.
- 12 Idem, pp.10,11.
- 13 UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Escola Superior de Ciências Domésticas. Regimento. Documento sem data, localizado no Arquivo do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa.
- 14 Os cursos de administração e economia tiveram seus próprios departamentos a partir de 1988.
- 15 Ver Schwartzman (1979).
- 16 Estes departamentos eram então responsáveis pela oferta de disciplinas que davam suporte aos cursos superiores de agronomia e veterinária.

REFERÊNCIAS:

- BORGES, J. Marcondes et al. (Editores). A Universidade Federal de Viçosa no século XX. Viçosa, Editora UFV, 2000.
- BOWNMAN, Mary J. The land-grant colleges and universities in human-resource development. *The Journal of Economic History*, v.22, Dec.,1962, p.523-546.
- CHAUI, Marilena. Escritos sobre a universidade. São Paulo, Editora UNESP, 2001.
- _____. Produtividade e humanidades. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v.1, n.2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989, pp.45-72.
- COLBY, G. & DENNETT, C. Seja feita a vossa vontade. A conquista da amazônia: Nelson Rockefeller e o evangelismo na idade do petróleo. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- CUNHA, L. A. A Universidade Reformanda. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1988..
- _____. A Universidade temporã. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1978.
- LOPES, M. F. O Sorriso da Paineira. Rio de Janeiro, UFRJ/Museu Nacional, Tese de doutoramento, 1995..
- OLIVEIRA, A. G. Origem e evolução da extensão rural no Brasil. Viçosa: Imprensa Universitária, Universidade Federal de Viçosa, dissertação de mestrado, 1987.
- RIBEIRO, M. Graças. M. A presença norte-americana na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) -1926-1948. Relatório de Pesquisa. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa/Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, 2008.
- _____. Caubóis e caipiras, os land-grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. *História da Educação/ASPHE (Associação Sulriograndense de Pesquisadores em História da Educação)*. Pelotas: FaE/UFPel, n.9, 2006, pp.105-119.
- _____; OLIVEIRA, Adriana M. Expansão e modernização do ensino na Universidade do Estado de Minas Gerais: os impactos dos acordos de cooperação. UFV. Relatório de Pesquisa, 2004.
- SCHWARTZMAN, Simon. Formação da Comunidade Científica no Brasil. Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1979.
- SILVA, Uíara M. Extensão Universitária: A Interação do Conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Dissertação de Mestrado, 1995.